

Rito Escocês Retificado

Por Wagner Veneziani Costa, Sexta, 16 de dezembro de 2011

Caros Irmãos e Fraters,

O RITO ESCOCÊS RETIFICADO - RER Está totalmente Regularizado no Brasil e seus Rituais já se encontram impressos e devidamente registrados na Biblioteca Nacional, em nome do GOB, na tradução de língua portuguesa. Bem mas o que quero chamar a atenção de todos é que se trata de um Rito totalmente ESPIRITUAL, ANTIGO, TRADICIONAL... Todos os Martinistas e Fraters da Rosa Cruz vão adorar... Irmãos e Pessoas Místicas, Espiritualistas, Ocultistas, Hermetistas... O Rito chegou...

“Os profanos não vos lerão, a não ser que sejais claro ou obscuro, prolixo ou sintético. Somente os HOMENS DE DESEJO irão ler os vossos escritos e aproveitarão vossa luz. Dai-lhes essa luz tão pura e revelada quanto possível.” (Louis Claude de Saint-Martin)

Pela Misericórdia do Grande Arquiteto do Universo!!!

Não sabemos se começamos a escrever a respeito do Amor, no seu sentido mais puro... Se vamos direto à Origem da Ordem, ou se entramos em um túnel do tempo e viajamos juntos... O mal desaparecerá sobre a Terra, uma vez que a humanidade seja remunerada pela lei do Amor, e que todos os homens se amem a si mesmos, graças à propagação das doutrinas de Fé, Esperança, Caridade e Amor fraternais que constituem a Verdade.

Nós que fazemos parte dessa Ordem, Grande Priorado do Brasil da Ordem dos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa, temos consciência de que o dever deve ser cumprido porque é o dever; ele não se limita aos bens materiais; o auxílio em forma de bens percíveis, mas o apoio que todo Irmão deve a seu Irmão, que é um imperativo absoluto; não se pode fazer parcialmente um bem; ele é completo e total. Acreditamos que esse é o nosso verdadeiro prumo!

Nossa luta é em favor da Liberdade, do Direito e da Livre Manifestação do Pensamento e da Palavra; defendemos a Sabedoria contra a superstição; temos por princípio o Amor aos semelhantes, por base a Ordem e por fim o Progresso. Não somos vulgares, sabemos que a liberdade se consegue apenas por meio do conhecimento, da sabedoria, pois, caso contrário, agirá e pensará sempre com a cabeça dos outros... seguindo a opinião dos outros, porque não se pode formar uma ideia daquilo que não se conhece... É extremamente importante em nossa Ordem que se estude, que se leia, que se combata o verdadeiro “diabo” que é a ignorância... Não se pode ser livre sendo ignorante.

Conhecimento, necessariamente, exclui todo dualismo ou toda dualidade. Ele está além das oposições, por razão metafísica. Uno invariável e eterno, reflete-se no seio de toda tradição da qual ele constitui a modalidade geradora, assim como ele alimenta seu esoterismo. Centro e totalidade manifestada, essência e substância como realidade principiante, o conhecimento é único e, dessa maneira, pode ser considerado como o “ambiente” de todas as esferas tradicionais, “ambiente” de que todas procedem, pelo qual, todas subsistem e onde todas desembocam. Grau supremo de realidade salvador e de expressão metafísica, ele é então o “Centro de todos os Centros”, Coração do Pai, e este é de fato o lugar simbólico do Verbo nesse antropomórfico divino de Cristo.

É certo que a Tradição não se perdeu nem pode se perder, porém, quando os encarregados de transmiti-la faltam a seu dever, os Guardiões Invisíveis da Verdade mandam missionários a quem conferem poderes especiais para que as nações não sumam pôr completo na noite espiritual.

Esse Rito é muito Especial, conforme define Jean Tourniac: “(...) as alusões teosóficas e seu caráter cristão, mas não confessional. Esse caráter possui o espírito do Cristianismo bem despojado, muito próximo da mensagem original do Cristo, referindo-se por diversas vezes à lei do Amor, mas sem uma tipologia confessional, o que não seria de modo algum de sua alçada.”

É um Rito Esotérico? É sim, mas é necessário compreendê-lo no sentido da palavra grega que lhe deu origem, *esoterikos*, designando o que provém do interior, o que está dentro. Originalmente, essa expressão qualificava o que era transmitido apenas por tradição oral, de mestre a discípulo, ou pelo menos a um número restrito de indivíduos escolhidos por suas capacidades naturais para compreender verdadeiramente o conteúdo do ensinamento. Há aí uma repulsão à vulgarização, a qual a Escritura assinala enfaticamente, dizendo: “Não lanceis aos porcos as vossas pérolas, para não acontecer que as calquem com os pés” (Mateus 7,6) e “Não fales ao ouvido do tolo, porque ele desprezará a sabedoria de tuas palavras” (Provérbios 23,9). Em nossos dias, isso se torna particularmente verdadeiro quando se trata de vias espirituais bastante afastadas do materialismo usual e do que René Guénon chama, com a devida razão, de “o reinado da quantidade”, que ele qualifica como “sinal dos tempos”. Esse esoterismo sempre existiu e encontra-se claramente mencionado, para o ensinamento cristão, por Clemente de Alexandria (160-220 de nossa era) nos *Stromateis* (Miscelânea), por Orígenes (185-254) em seu *Contra Celsus* (Contra Celso) e em seu muito importante *Traité des Principes* (Tratado dos Princípios), etc.

Além disso, está escrito: “Nada se encontra tão encoberto que não deva ser descoberto; nem oculto, que não deva ser sabido” (Lucas 12,2 e 8,17; Mateus 10,26; Marcos 4,22), até mesmo porque, como o definiam os versículos citados anteriormente, isso não se endereça necessariamente a todos. Além do mais, o que está escrito é uma coisa e a vivência é outra. O que é intelectualmente compreendido não é necessariamente conhecido de modo vital. Eis o que convém compreendermos quanto à natureza do segredo maçônico, pois na realidade é ao conhecimento cardíaco que ele se refere. Sabermos o que uma carta contém sobre uma coisa, não é conhecer essa coisa. Há uma diferença de natureza, de ordem essencial, entre saber e conhecer. Ambas, voltamos afirmar, são importantíssimas, porém cada uma com o seu valor, sua essência e sua importância...

A obra que temos a honra de prefaciá-la é muito completa no que se refere ao Grau 4 – Grau de Mestre Escocês de Santo André; nela serão tratados temas como: as cores, os números do grau, a joia do grau, o painel do Oriente, o primeiro, segundo, terceiro e quarto painéis do grau, o Altar dos Perfumes, o Mar de Bronze, a Trolha e a Espada, a Ressurreição, quem foi o Mestre Hiram? O carvalho e a Oliveira, as Virtudes, além de um Apêndice: Breve reflexão sobre as noções dos Pequenos Mistérios e dos Grandes Mistérios em sua relação com o RER.

Este livro é indispensável para os que querem conhecer o Rito, principalmente o quarto grau, o de Mestre Escocês de Santo André. Nele, o autor Roland Berman responde a esta pergunta: “O que representa o duplo triângulo luminoso? Ele exprime a dupla natureza daquilo que é a verdadeira luz do mundo e do homem, que é a sua imagem, e o círculo que o envolve é o emblema de sua eternidade.”

O Rito Escocês Retificado é fruto do trabalho incansável de Jean-Baptiste Willermoz. Nascido em Lyon, em 10 de julho de 1730 e falecido na mesma cidade em

29 de maio de 1824, foi um maçom de uma envergadura verdadeiramente excepcional.

É indubitavelmente uma das personalidades mais proeminentes da história da Maçonaria – não apenas a francesa – tendo exercido sobre sua evolução uma influência decisiva.

Iniciado em 1750 aos 20 anos de idade, em uma Loja da qual se ignora o nome, Willermoz rapidamente evoluiu. Eleito “Venerável Passado” em apenas dois anos, em 1752, cedo presente a necessidade de pôr ordem numa situação marcada por “abusos que se acreditavam cada vez mais”, contribuindo para formar, em 1760, a Grande Loja dos Mestres Regulares de Lyon, reconhecida em 1761 pela Grande Loja da França. Depois de ter sido ele próprio o seu presidente no biênio 1762-1763, consegue a nomeação para “Guarda-Mor dos Selos e Arquivos”, função que teria sua preferência em todos, ou quase todos os organismos a que pertenceria, pois tirando partido da correspondência mantida com praticamente toda a Europa, podia desse modo dedicar-se a uma das suas atividades favoritas: recolher, estudar e comparar os rituais de todos os graus possíveis. Tudo isso, indubitavelmente, por paixão de colecionador, convenhamos, mas também por outras razões – e estas bem mais profundas, das quais é demonstrativa uma carta de novembro de 1772, endereçada ao Barão Carl von Hund, fundador da Estrita Observância Templária (S.O.T.): “Sempre estive persuadido, desde a minha admissão na Ordem, que esta encerrava em si própria um objectivo possível e capaz de satisfazer um homem digno. Partindo deste pressuposto, tenho trabalhado sem tréguas para descobri-lo. Um estudo contínuo de mais de vinte anos, uma extensa correspondência privada com alguns irmãos mais instruídos, tanto em França como no exterior, assim como o depósito de arquivos da Ordem de Lyon, ao meu cuidado, facultaram-me os devidos meios (...)”

Willermoz falava sobre a iniciação: “Aquele que me transmitiu não é um ser inspirado interiormente, nem um magnetizador privilegiado, nem um ser versado nas iniciações antigas, que conhece muito menos que nós. É um ser que goza de todos os sentidos ao escrever, que escreve quando lhe fazem pegar na pena, sem saber nada do que escreverá, nem a quem escreverá. Uma potência invisível, que não se manifesta a ele senão por diversas partes de seu corpo, toma a mão como se toma a mão de uma criança de 3 anos, para lhe fazer ESCREVER o que se deseja. Ele não pode conduzir a ação, mas pode resisti-la por ato de sua vontade, que então para de escrever; ele lê então o que sua mão escreveu e é o primeiro admirador do que vê. Muitas vezes nada compreende de que escreveu, foi prevenido, desde o tempo que esse dom extraordinário começou a se manifestar nele, que escreveria coisas que não deveria compreender porque não foram escritas para si, mas para aqueles a quem elas se destinavam”.

O próprio Agente tinha seus superiores, “as potências celestes superiores ou secundárias” que dirigiam seus trabalhos e faziam-no escrever. Eram depósitos de conhecimentos admiráveis, uma doutrina da verdade. Para Willermoz, como para Saint Martin e demais Mestres do Ocultismo Ocidental,* a Iniciação Real é um trabalho eminentemente pessoal e interior. *N.E.: Sugerimos a leitura de... Mestres do Esoterismo Ocidental

O Homem ao encarnar ficou com a alma por desenvolver, isto a partir de uma centelha Espiritual. O receptáculo é a Alma Humana, a Pedra Bruta que deverá ser transformada e inserida na obra de construção do Templo Universal, a “Jerusalém Celeste” das almas regeneradas e imortalizadas pelo Verbo Divino.

No meio ocultista, era admirado pela solidez de seus conhecimentos que eram praticados juntamente com um pequeno grupo de esoteristas, escolhidos criteriosamente no seio da Maçonaria. Durante muito tempo, Willermoz manteve correspondência com os principais ocultistas de sua época: Martinez de Pasqually, Saint Martin, Joseph de Maistre, Savallete de Lange, Brunswick, Saint Germain, Cagliostro,* Dom Pernety,

Salzman e outros ocultistas alemães, franceses, ingleses, italianos, dinamarqueses, suecos e russos. *N.E.: Sugerimos a leitura de... Cagliostro

Pasqually escreveu que a Teurgia era “uma cerimônia e uma regra de vida que permite a invocação do Eterno em santidade”.

Era possível que coisas estranhas acontecessem nas câmaras onde o ritual teúrgico se desenrolava. Manifestações curiosas de atividade aparentemente sobrenatural que ocorriam na câmara de operação chamavam-se “passes”. Estes não deveriam causar distração aos operadores, mas, dizia Pasqually, deveriam ser considerados sinais de que a “reconciliação” avançava. O “passe”, portanto, era uma manifestação do que Pasqually estava apto a chamar La Chose (a Coisa), que nada mais era que a Sabedoria personificada – a divina Sofia. De acordo com o especialista em Martinismo, Robert Amadou, “a Coisa não é a pessoa de Jesus Cristo (...), a Coisa é a presença de “Cristo”, exatamente como a Shekinah (ou glória) era a presença de Deus no Templo”.

Pasqually oferecia um culto de expiação, purificação, reconciliação e santificação. Como tal, era uma espécie de resposta católica ao Rosacrucianismo protestante, ou até uma versão deste. De qualquer forma, as correntes agora, graças a Pasqually, estavam entrelaçadas. Como dizia Saint-Martin: “Este homem extraordinário é o único que não consegui entender”.

O barão Karl Gotthelf von Hund (1722-1776) afirmava ter sido iniciado em uma linhagem única da Maçonaria, estimulado por Charles Edward, pretendente Stuart ao trono britânico. Certamente, era de interesse dos jacobitas fazer oposição à Maçonaria anti-Stuart, dominada pelos liberais hanoverianos da Grande Loja de Londres e imaginar um ramo superior do ofício.

A mitologia envolvida para estabelecer esse pretexto provinha de duas fontes principais. A primeira, a crença do maçom jacobita, Andrew Michael “Chevalier” Ramsay, emitida pela primeira vez em 1736, de que a Maçonaria renascera na Europa por Ordens Cavaleirescas durante o período das Cruzadas* e, depois, o persistente mito das origens patriarcais antediluvianas da Maçonaria, aliado à dinâmica “rosa-cruz” dos mistérios sagrados, trazidos do Oriente pelos cavaleiros-peregrinos. Desse modo, pensava-se que a “Maçonaria” pura desempenhava um papel na restauração da unidade primitiva da humanidade. Essa ideia elevada tinha ressonância com a noção de reconciliação e restauração da perfeição adâmica do homem, preconizada por Pasqually.

Em sintonia com a natureza exaltada da missão maçônica “superior”, Von Hund criou o Rito da “Estrita Observância”. A virtude da Estrita Observância era a de ser a continuação de uma Ordem secreta de Cavaleiros Templários, que, por alguma razão, sobrevivera à supressão papal em 13 de abril de 1312. É provável que a Escócia tenha oferecido abrigo aos cavaleiros sobreviventes, e seus segredos estavam agora astuciosamente guardados em Lojas maçônicas e alimentados pelas virtudes cavaleirescas dos aristocratas e monarcas escoceses. Desse modo, a Grande Loja de Londres – e a Maçonaria exportada dali à Alemanha e à França – não tinha os verdadeiros segredos. Havia uma mistura intrigante entre a necessidade de segredos com as fantasias sobreviventes da fraternidade oculta Rosa-Cruz, dando à Estrita Observância e semelhantes Ordens posteriores sua peculiar matriz de “Maçonaria Cavaleiresca” com pitadas de devoção mística cristã rose-croix mais profunda e gnóstica. Era uma bebida rica e inebriante, servida como antídoto aos rigores bastante tediosos da chamada Era da Razão.

*N.E.: Sugerimos a leitura de... O Guia Completo das Cruzadas e Da Cavalaria ao Segredo do Templo.

Como sempre se observou, uma falsa ideia é um fato real. Para o crente, acreditar na mentira pode não torná-la real. A crença em um vínculo com os antigos Templários criou o fato dos novos Templários. Suas crenças tornaram-se uma força motivadora de modo que não pode ser descartada, simplesmente por causa de uma divergência de perspectiva histórica. Existem muitos que gostam de considerarem-se Templários maçônicos no conhecimento de que representam algo como um ressurgimento em vez de uma continuidade de uma Ordem desaparecida. Como observou o historiador maçônico francês Pierre Mollier, o neotemplarismo atrai os homens que se sentem como estranhos em um mundo que se tornou profano demais.

Em 1774, a Estrita Observância foi estabelecida na “província” neotemplária da “Borgonha”, ou seja, em Estrasburgo, depois, em Lyon (“Auvergne”) e em Montpellier (“Septimania”). Trabalhavam-se dois graus além dos três graus do ofício de Aprendiz, Companheiro e Mestre Maçom. O primeiro era de Noviço; o segundo, Cavaleiro Templário, no qual era revelado o segredo de que a Maçonaria era, na realidade, uma sobrevivência da Ordem do Templo, convocada a uma missão secreta pela qual seus membros há muito sofreram.

Na Alemanha, a Loja regular de Braunschweig, ZudendreiWeltkugeln (Aos Três Globos), adotou a Estrita Observância e, posteriormente, tornar-se-ia um centro nervoso dos Gold und Rosenkreuzers. O duque Fernando de Braunschweig tornou-se “Magnus” da Ordem de Von Hund. É interessante ver que os descendentes das antigas famílias solidárias ao movimento do século XVII tornaram-se patronos dos novos movimentos templários, rosa-cruzes e maçônicos (o landgrave de Hesse-Kassel também estava envolvido).

Em 1775, Braunschweig foi o local escolhido pela Ordem da Estrita Observância para reunir 26 nobres alemães a fim de discutir seus negócios e futuro. Dizem que de Estrita Observância tinha bem pouco. Um ano após o congresso, os membros dirigentes da Ordem viajaram até Wiesbaden, a convite do barão Von Gugomos, que se dizia emissário dos “Verdadeiros Superiores” da Ordem. Seu quartel-general era no Oriente, em Chipre (famosa na história como fortaleza dos Cavaleiros Hospitalários de São João). Ele esperava tomar o controle da Ordem e, depois que as perguntas se aprofundaram, declarou que retornaria a Chipre para obter valiosos textos secretos para demonstrar a “genuína” linhagem da Ordem e seu propósito elevado. Gugomos foi exposto; seus títulos e patentes eram falsificados. Não foi a última vez na história que falsificações levariam a uma quebra de confiança na Ordem.

Após os conventos maçônicos de Lyon (1778) e Wilhelmsbad (1782), a Ordem da Estrita Observância morreu, mas suas ideias seriam substancialmente ressuscitadas quase de imediato. A Estrita Observância transformou-se no Régime Écossais Rectifié de Willermoz: o Rito Escocês Retificado (RER), mais conhecido e reverenciado atualmente nos círculos maçônicos devotos pelo acrônimo de C.B.C.S.: Chevaliers Bienfaisants de La Cité Sainte, os Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa.

O que Willermoz fez com a ideia da Ordem do Templo deve-se muito à força transcendental da mente de Pasqually. O que Willermoz fez mostrou ter um significado bem mais abrangente com um impacto direto no mundo do Neorrosacrucianismo.

No Rito Escocês Retificado de Willermoz, o que importa não é o Cavaleiro Templário como tal, mas uma ordem trans-histórica, cuja existência remonta, supostamente, ao início dos tempos. Desse modo, qualquer coisa de natureza secreta e mística associada com os Templários era simplesmente uma manifestação do contato entre membros dessa ordem e que, depois, seria chamada “a Grande Fraternidade Branca”. A concepção de uma ordem trans-histórica pode ser descrita como o conceito fundamental do Neorrosacrucianismo, e sua criação representava um desenvolvimento

simbólico na história dos Invisíveis.* Não eram mais os discípulos “rosa-cruzes” que eram invisíveis, mas seus mestres – o que não quer dizer que os próprios adeptos experientes não poderiam como a ocasião exigia vestir o véu secreto da invisibilidade!

A Mente Universal

Os textos herméticos sempre se referiam a “Deus” como uma Mente universal, presente em tudo e que todavia transcendia tudo. Os homens poderiam ter uma parcela dessa Mente (nous), se decidissem ouvir o chamado e mergulhar nela (cuja analogia era o batismo em um recipiente especial enviado dos céus). O potencial de reação existia em praticamente todos, mas a maioria o ignorava. Quem não ignorasse, recebia gnose, a percepção divina, capaz de compreender o invisível bem como o visível e, desse modo, conseguia elevar-se acima da mera existência material. Hermes tornou-se mestre do universo invisível no homem, na natureza e nos astros. Hermes une alquimia à astrologia e o homem a Deus. A forma latina de Hermes era Mercúrio, mensageiro divino e artista de transformação rápida, por excelência. Nas palavras de Paracelso, “existem tantos mercúrios quanto coisas”.

A Dignidade do Homem, anunciada por Pico della Mirandola,* em Florença, em 1486, como peça central de uma revolução do pensamento hermeticamente inspirada, observa a Fama Fraternitatis, está em funcionamento no mundo. A Dignidade do Homem está em ser capaz de escolher entre a vida dos animais e a vida dos anjos. Ele pode subir ou descer a grande Cadeia do Ser, de acordo com sua vontade. O Homem tem um poder miraculoso que raramente percebe. Pode ter a mente de um vegetal ou encontrar sua natureza superior na “solitária escuridão de Deus”. A centelha do conhecimento divino reside dentro dele. *N.E.: Sugerimos a leitura de... Pico della Mirandola

Onde há permissão para essa dignidade florescer, onde essa semente foi cultivada, lá se encontram as grandes façanhas da época: todos os tipos de artes, ciências, máquinas e monumentos ao espírito ilimitado do homem. Entretanto, o trabalho ainda não terminou. A humanidade está no ápice de algo até maior.

Percebam que ela (Ordem) é puramente espiritual...

Um sistema completo de conhecimento está à espera da humanidade, à medida que sua mente adentra nos mais obscuros recessos da natureza. Então, o Homem, pequeno cosmos com uma mente potencialmente divina, saberá de verdade a criatura extraordinária que é ligada ao divino, da terra às estrelas e além.

A idéia remonta ao livro do Gênesis (2, 19), quando Adão, em sua pureza e inocência, dava nome aos animais e todas as coisas vivas. Dar nome não era apenas uma questão de classificar, mas o meio de evocar sua essência ou identidade precisa. Sabendo seus verdadeiros nomes, as criaturas poderiam reagir a Adão. Todos sabemos a “magia” de uma boa memória para nomes. Saber o nome original de uma coisa confere o poder de convocar sua essência.

Quando o “autêntico nous” (ou “mente soberana”, chamada Poimandres), no Corpus Hermeticum, primeiro livro da filosofia hermética, aparece em sua magnitude ilimitada à visão de Hermes Trismegisto, somos informados de que o poder “chamou-me [Hermes] pelo nome”. O autêntico nous (Mente divina) conhecia a natureza essencial e mais profunda de Hermes. Exatamente as mesmas palavras são usadas na Fama Fraternitatis, quando Christian Rosenkreuz encontra pela primeira vez os sábios de Damcar. Os sábios não só sabiam que vinha: eles o chamaram pelo nome.

A Ordem Divina

De acordo com a teoria superior do Neorrosacrucianismo, toda iniciação “verdadeira” provém da ordem transcendente. Portanto, qualquer ordem iniciática aprovada podia ser declarada apenas uma manifestação terrestre da ordem divina acima do espaço e do tempo. Assim que se admite essa concepção, estabelece-se o fundamento lógico por meio do qual uma ordem pode afirmar estar em “sucessão espiritual” com a Ordem Rosa-Cruz, a Ordem do Templo, Jesus Cristo, os Essênios, João Batista, Pitágoras, os Antigos Egípcios, os Cátaros, os Gnósticos, Apolônio de Tiana, Simão, o Mago e os Maniqueístas.

A Casa “Invisível” tem, certamente, “Guardiões Invisíveis”, “Superiores Incógnitos”, “Chefes Secretos”, cujo trabalho é de tamanha abrangência multidimensional de complexidade extraordinária a ponto de, sinceramente, estar além do entendimento da pobre humanidade ignorante. Nós, pobres almas não regeneradas que mal conseguimos ficar em pé em uma postura que relembre o homo sapiens, só podemos vislumbrar ter flashes da Grande Obra em andamento, a Grande Missão da alquimia cósmica da qual somos – se tivermos sorte – meramente os instrumentos temporais, a serem descartados após o uso, em bênção ou esquecimento, dependendo de nossa conformação, ou não, aos ditames dos mestres.

Desse modo, também é uma certeza lógica o fato de a seguinte passagem do recém-descoberto Evangelho de Judas ser empregada (se já não é) como exemplo da “Casa Invisível”, vislumbrada por membros privilegiados do movimento gnóstico dos séculos II e III, e que os “ortodoxos” não conseguiam, ou conseguem, ver: “Nenhuma pessoa de nascimento mortal é merecedora de entrar na casa que viste, pois aquele lugar está reservado para o sagrado. Nem o sol nem a lua lá regerão, nem o dia, mas o sagrado habitará para sempre lá, no reino eterno com os anjos sagrados.”

A própria concepção apareceria (trans-historicamente?) na obra bastante influente de Karl von Eckartshausen, *Die Wolkeüberdem Heiligthum* (A Nuvem sobre o Santuário), 1802, sobre uma igreja transcendente de adeptos espirituais que guiam a evolução espiritual da humanidade. É a esse organismo que Aleister Crowley buscou acesso definitivo quando se uniu à Ordem Hermética da Aurora Dourada, *Golden Dawn*,* em 1898, e é desse suposto organismo que muitos hierofantes dos mistérios neo-rosa-cruzes reivindicam sua autoridade, uma suposta autoridade não de “meras patentes de papel”, mas do contato direto com os anjos. Desse modo, o Anjo Mágico de John Dee sempre será de mais interesse a essas pessoas do que os textos devocionais de Johann Valentin Andreae. Vale notar, a esse respeito, que uma das mais recentes reimpressões da obra de Eckartshausen foi feita pela Rozenkruis Pers, editora da Ordem Rosa-Cruz holandesa, o *Lectorium Rosicrucianum*. *N.E.: Sugerimos a leitura de... *Golden Dawn*

A teoria de Willermoz e Pasqually corrobora a maioria das Ordens neo-rosa-cruzes e suas ramificações, e quase sempre o que derruba tais ordens é a descoberta de serem falsas as supostas ligações com os Superiores Incógnitos. Assim, quando Aleister Crowley, por exemplo, sugeriu as próprias propostas de fundar uma ordem de magia branca, depois de 1900 (quando a *Golden Dawn* se fragmentou), ele o fez não com base no fato de que o líder da Aurora Dourada não tivesse contato algum com os “Chefes Secretos” da Ordem (isto é, que eles não existiam), mas sim que o então líder da Ordem, Samuel Mathers, “fracassara” nesses contatos e não mais servia a seus propósitos. Com Mathers fora, Crowley achou que tinha garantido o próprio contato com um “Chefe Secreto”, conforme o próprio relatou, em abril de 1904. Nós particularmente gostamos do Estudo, Rituais e Cerimônias da O.T.O.

Com a chegada da ordem trans-histórica (vinculada a várias outras linhagens gnósticas, herméticas, bíblicas e cabalísticas), surgiu o Ser Adepto, às vezes dignificado com o termo Avatar, que parece um pouco mais impressionante e menos sentimental do que “anjos”, aos ouvidos ocidentais.

Portanto, não seria surpresa descobrir que o teosofista neo-rosa-cruz e fundador da Antroposofia, Rudolf Steiner (1861-1925), acreditava não só que Christian Rosenkreuz era uma pessoa real (embora um tanto peculiar), mas também que o nome “Christian Rosenkreuz” era um criptônimo temporário para inúmeras encarnações assumidas por um generoso guia espiritual. O ser que apareceu como “Christian Rosenkreuz” manifestou-se posteriormente como conde de Saint-Germain (?-1784), por exemplo. Seguidores sinceros de Steiner ainda poderiam apreciar encontros espirituais com o exímio ser Christian Rosenkreuz, pois isso tinha certeza, fora concedido a ele. Mas isso é outra história...

Agora vamos nos recolher em profundo silêncio e deixar que o autor Roland Bermann dê continuidade a esta maravilhosa obra, que será durante um bom tempo o nosso livro de cabeceira.

Fraternalmente,

Mui Rev. Cav. Ir. Wagner Veneziani Costa
Grão-Prior e Grão-Mestre Nacional do Grande Priorado do Brasil da Ordem dos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa

Bibliografia:

COSTA, Wagner Veneziani. Maçonaria – Escola de Mistérios. São Paulo: Madras Editora, 2006.

CHURTON, Tobias. A História da Rosa-Cruz – Os Invisíveis. São Paulo: Madras Editora 2010.

GOODRICK-CLARKE, Nicholas, coletânea de. Helena Blavatsky. São Paulo: Madras Editora, 2009.

———. Paracelso. São Paulo: Madras Editora, 2009.

GOODRICK-CLARKE, Nicholas e GOODRICK-CLARKE, Clare, coletânea de. G.R.S. Mead. São Paulo: Madras Editora, 2009.

HUFFMAN, William, coletânea de. Robert Fludd. São Paulo: Madras Editora, 2009.

SEDDON, Richard, coletânea de. Rudolf Steiner. São Paulo: Madras Editora, 2009.

STANLEY Michael, coletânea de. Emmanuel Swedenborg. São Paulo: Madras Editora, 2009.

SUSTER, Gerald, coletânea de. John Dee. São Paulo: Madras Editora, 2009.

WATERFIELD, Robin, coletânea de. Jacob Boehme. São Paulo: Madras Editora, 2009.

Copyright, by Wagner Veneziani Costa.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19/02/98).

Posted in Grau do Mestre Escocês de Santo André by: admin

With with these Tags: Benfeitores, Cavaleiros Templários, Cidade Santa, Grande Arquiteto do Universo, Grande Priorado, Grau 4, Grau do Mestre, Jean Tourniac, Mestre Escocês, Mestres Regulares, Rito, Rito Escocês Retificado, Rito Esotérico, Saint-Martin, Santo André.

